

O NEGRO NO RIO DE JANEIRO
RELAÇÕES DE RAÇAS NUMA SOCIEDADE EM MUDANÇA

L. A. Costa Pinto

apresentação

Marcos Chor Maio

UFRJ
Reitor Paulo Alcantara Gomes
Vice-reitor José Henrique Vilhena de Paiva
*Coordenadora do Forum
de Ciência e Cultura* Myrian Dauelsberg

EDITORA UFRJ
Diretora Yvonne Maggie
Editora Executiva Maria Teresa Kopschitz de Barros
Coordenadora de Produção Ana Carreira

Conselho Editorial Yvonne Maggie (presidente), Afonso Carlos Marques dos Santos,
Ana Cristina Zahar, Carlos Lessa, Fernando Lobo Carneiro,
Peter Fry, Silvíano Santiago

2ª edição

Editora UFRJ
1998

CAPÍTULO II

Associações de novo tipo

Movimentos associativos da elite negra – Antigas e novas elites; sua caracterização e o problema da definição de seu papel – As mudanças de estrutura social e o aparecimento das novas associações – Organização, programas e atividades – Formulações ideológicas – Significação sociológica do problema estudado.

As associações que aqui chamamos de tradicionais são negras, portanto, no sentido de que são *populares* – neste sentido são tão negras quanto, por exemplo, o futebol –, enquanto que as de novo tipo são, por excelência, associações de elite, de elite negra, que em face da massa negra age, reage e se comporta como toda elite em face de qualquer massa. Não é possível compreendê-las, por consequência, sem primeiro traçar, ainda que sumariamente, o perfil deste grupo de negros social e culturalmente *evoluídos*, que aqui estamos chamando de “elite negra”.

Se toda elite, por definição, é uma camada pequena que se destaca de um *corpus* social maior, aqui, a elite negra tem esse atributo hipertrofiado e é, numericamente, uma fração ainda insignificante embora crescente do grupo a que pertence. Isso resulta, antes de mais nada, das condições adversas ao seu desenvolvimento em que aquele grupo, como um todo, se tem mantido na sociedade brasileira. De fato, observando-se as cifras, atrás apresentadas, sobre a proporção de negros que têm, no Rio de Janeiro, a posição de empregador, ou profissional liberal, ou funcionário público, ou que é portador de diploma universitário, facilmente se verifica quanto historicamente têm sido lentas e estritamente pessoais essas vias e possibilidades de ascensão dos elementos de cor que, pelo desenvolvimento e polimento individuais, vencendo toda sorte de fatores contrários, têm galgado a escala social. Para estes, ao que parece, a premissa, consciente ou inconscientemente aceita, tem sido a de que o sistema de posições sociais em que historicamente se situam pretos e brancos em nossa sociedade, como está, está certo. Trata-se então, de conformar-se às regras do jogo, obedecê-las à risca e, cada um por si, esforçar-se para ser,

na medida do possível, uma das “honrosas exceções” – assimilando os padrões e valores dos grupos dirigentes, inclusive, não raro, os estereótipos sobre o negro que integram aquele padrão, promovendo-se, assim, àquela minoria que pode ser apontada ao negro-massa, ignaro e pobre diabo, como “negro às direitas”, “negro de vergonha”. Em suma, no mais completo sentido da expressão, é esforçar-se para ser “um negro de alma branca”, que parece ser o estereótipo melhor definido a respeito das aspirações das antigas elites negras.

Evidentemente uma tal aceitação das expectativas de comportamento da sociedade branca transformadas em plano de vida e em norma de boa conduta só podia funcionar na prática e na prática só funcionou em casos individuais, em situações muito pessoais, mas não pode, por definição, ser aceita e adotada por nenhum grupo como grupo, pois inclusive a permanência deste na condição econômica, social e psicológica de massa é o que justifica, e até realça pelo contraste, a pequena elite que dele se destacou.

Por outro lado, independentemente de discutir se isto como plano, como programa e como perspectiva ideológica está certo ou errado, há que ser constatado que a formação e a presença de elites de cor, produto sedimentado da longa e lenta evolução do negro brasileiro, é hoje um dos problemas mais importantes e mais caracteristicamente novos da situação racial brasileira, pois significa um resultado da estratificação de classe e de *status* que se estabeleceu entre os próprios negros, o que implica no surgimento de uma variável sem precedente no quadro das relações de raças no Brasil, que gera e coloca dentro da situação total problemas inteiramente novos de orientação, de perspectiva ideológica, de organização e de liderança dos movimentos sociais do negro, problemas até então inexistentes, ou apenas embrionários, no quadro tradicional das relações interétnicas neste País, onde dirigir negros era, por excelência, uma tarefa de brancos.

Hoje é menos fácil, como até meio século ou menos atrás, pensar no negro como uma massa homogênea e indiferenciada, que em bloco se distinguia em tudo e por tudo do estrato branco a ela superposto. Depois da Abolição, o funcionamento das instituições republicanas e liberais, a urbanização do negro, a crescente complexidade de uma sociedade de base industrial em desenvolvimento criaram sérias assimetrias e profundas contradições na forma e no conteúdo da estrutura social dentro da qual coexistem e convivem no Brasil pretos e brancos.

Uma das novas variáveis surgidas é exatamente a diferenciação social interna no grupo de cor, a integração da grande massa do proletariado e a promoção de uma minoria às fileiras da classe média, especialmente de seus setores intelectuais, donde resulta um processo que se poderia chamar de *formação de quadros* negros e mestiços, gerados pela própria tensão racial e destinados a desempenhar no seu *processus* um papel de extraordinária significação.

Esse problema da formação de uma elite negra, como problema de minoria que é, por definição, não podia deixar de estar, especialmente nas condições peculiares ao Brasil, estreitamente relacionado à ascensão cultural do homem de cor, que sempre foi entre nós um dos mais típicos canais de capilaridade social, cuja importância se multiplica, principalmente, pela distância que logo se estabelece entre um negro instruído e a massa negra, que permanece ainda nos mais baixos níveis de desenvolvimento cultural.

Exatamente por ser via individual, caminho para poucos, solução para uma minoria, as letras, as artes, a erudição, a ilustração sempre foram, no Brasil, meios de uma elite negra cruzar a linha de cor e procurar se branquear pelo fato de pensar e sentir como brancos. Precisamente porque as barreiras raciais não se corporificaram entre nós em leis e instituições declaradamente discriminativas, como ocorreu noutros países, aqui, a aceitação de cânones valorativos e comportamentais do grupo branco sempre mereceu, do negro ou mestiço que desejava distinguir-se, uma acentuada preferência, como brecha pela qual tentar, ao menos subjetivamente, perfurar a linha de cor.¹

É de fundamental importância, porém, na análise desse problema, e para compreender a significação que ele tem no quadro geral das relações de raça no Brasil, verificar que há aqui também uma variante histórica nítida e que o papel dessa elite cultural negra tende a ser hoje, e provavelmente será cada vez mais para o futuro, diverso, em certo sentido exatamente o oposto, do que foi no passado.

De fato, não é de hoje que nossa história cultural registra a presença e a atuação de homens de cor ocupando posição destacada no mundo intelectual. É este, aliás, para certos brancos, um tema predileto de referência e citação, quando revelam, pelo elogio enfático dessas figuras de exceção, a opinião que fazem da massa negra em geral: entre nós, uma atitude simpática em relação a um negro frequentemente vem associada a um conceito depreciativo sobre

o negro; do mesmo modo, a citação e louvor dessas figuras, por parte de muitos negros, é feita muitas vezes como quem maneja símbolos que demonstram a capacidade teórica que têm os homens de cor de se desenvolverem, contanto que certas oportunidades lhe estejam abertas.

Muitas dessas figuras de negros ilustres do passado já foram biografadas. Está por ser feita, entretanto, sob critério sociológico seguro, a análise de seu papel nas relações de raça no Brasil, não só enquanto vivos, funcionando como "exceções", mas também depois de mortos, funcionando como "símbolos". Ter-se-ia aí um precioso filão de pesquisa para entender certos mecanismos sociopsicológicos das relações de raça. Apesar, porém, da falta desses estudos de base, o material informativo e biográfico existente, bem como a coexistência de negros destacados de gerações diversas, permite, ainda hoje, observar o contraste que existe entre duas concepções sobre qual deva ser o papel do negro *evoluído* numa sociedade predominantemente branca, na qual os preconceitos não se cristalizaram em leis e mantiveram-se no plano mais recôndito das atitudes.

Antes da Abolição, essa definição de papel era relativamente fácil e os expoentes da inteligência negra têm seus nomes ligados às campanhas liberais pela liquidação do *status* servil. Esta era uma questão que se impunha não só aos intelectuais negros como aos intelectuais brancos de formação liberal, e os intelectuais negros, *et pour cause*, enfrentaram-na, frontalmente, em todos os planos: em prosa e verso, no jornalismo como na eloquência oratória.

Depois de 1888, porém, alcançado o objetivo que julgavam fundamental, muito facilmente se convenceu a maioria dos negros *evoluídos*, principalmente os das gerações nascidas no fim do século passado e começo do atual, de que, daí por diante, o problema consistia em branquear tudo que fosse passível de branqueamento. Essa minoria negra que logrou, então, atingir a classe média, pagou seu tributo à ideologia de sua classe: já tinham em mãos uma lei batizada com o nome de Lei Áurea, agora era tentar resolver os demais problemas fazendo de conta que eles não existiam.

A ausência de barreiras legais abria ao negro a possibilidade teórica de ascender do nível da senzala; a presença de uma hierarquia de fato levava-o a usar essa possibilidade expressa na majestade do igualitarismo jurídico no sentido de ser o menos *negro* e o mais *branco* que lhe fosse possível. Assim, tornar-se "negro de alma branca" — e *alma*, neste caso, era quase tudo — era a concepção que a antiga elite negra fazia a respeito de qual devia ser o seu

papel no quadro das relações raciais. Transpor individualmente a linha de cor era a meta a atingir e, para isso, o desenvolvimento intelectual, o brilho nas artes, a celebridade literária foi, dentro das formas oferecidas pela cultura brasileira, um instrumento predileto, um dos poucos realmente possíveis aliás, usados por pretos e mulatos para superar a linha de cor. Por isto mesmo, no Brasil, *mulatismo* e *bacharelismo*, em certa época, foram expressões quase sinônimas.

O anseio e a aspiração eram um misto do desejo de misturar-se com a sociedade branca e da vontade de afastar-se da sociedade negra; entre esses extremos as situações concretas resultaram numa escala variada de afastamento de um extremo e de aproximação em relação ao outro. E o poeta, que faz de sua vida subjetiva matéria-prima de versos e que pensa em voz alta o que outros escondem até de si mesmos, exprime isso em estrofes:

Amas a lua que embranquece os matos
Ó negra juriti
A flor-de-laranjeira, os nêvos cactos
E tens horror de ti!

como cantou o poeta Gonçalves Crespo. Ele fala também na "ânsia de ser branco", e adiante exprime noutro verso:

Amas tudo que lembre o branco...

Deste amor, quase obsessivo, por tudo o que significa simbolicamente a cor branca; deste anseio de subir racialmente e de passar, ao menos em espírito, a linha social da cor, o melhor exemplo deu-o Cruz e Souza, que "conseguiu ser, esse filho de africanos, o mais nórdico poeta do Brasil".³

Em Cruz e Souza a busca subjetiva da cor branca é *leit motiv* de toda sua obra poética.³

Quando ama, o objeto desse amor é "a mulher tudesca", branca, "da cor nupcial de flor-de-laranjeira", e loura, "com doces tons de ouro". E quando canta o amor à sua própria esposa negra, faz dela "um sonho branco", cuja alma tem a forma "singela e branca da hóstia". O simbolismo, corrente literária a que se filiou e de que foi a maior figura no Brasil, foi o meio de que se serviu, e que para isto se prestava admiravelmente, para exprimir essa preocupação pela cor branca das coisas e das formas.

Ó formas alvas, brancas, formas claras
De luas, de neves, de neblinas!

E até quando fala da sombra, enxerga-a como "sombra dolente de camélias brancas".

Obsessão da cor, da cor branca, que ele odeia e adora ao mesmo tempo, que tinha para ele, na sociedade em que vivia, uma significação concreta evidente, que ele queria dolorosamente exprimir e da qual, sentindo-se dela distante, vingava-se chamando-a de cor da "névoa glacial".

A frustração de Cruz e Souza – o "príncipe de ébano", o "cisne negro da poesia brasileira", o "meu poeta", como o chamou um intelectual negro contemporâneo –,⁴ o seu estro extravasava, transformando-a em jóia poética. Mas nem todos tinham e têm o seu gênio e a sua sensibilidade, embora sentissem ou sintam a mesma frustração. Guardam, calam, recalcam, e procuram então viver com dignidade o que entendem ser a sua adversidade – a adversidade da cor, da condição subalterna, da origem escrava, a intolerável semelhança com o negro-massa, seu irmão, que ele psicologicamente representa como seu maior inimigo.

Esse ressentimento latente do negro evoluído da geração passada, tornava-o, no fundo, um triste, mesmo quando espalhafatosamente procurava superar essa tristeza com a alegria nervosa mais epidérmica do que psicológica, do tipo "mulato pernóstico".

No fundo ele era um triste, aliás de uma tristeza digna, discreta, não raro extremamente severa consigo mesmo, com sua conduta, pelo fato de ter uma sensibilidade hipertrofiada para vigiar qualquer deslize que logo poderia ser interpretado como... "coisa de negro" – quando não suja na entrada, suja na saída". A sobriedade, no caso, era condição de *status* e resultava de uma permanente autocrítica, ou seja, da censura da sociedade branca transformada em autocensura moral.⁵

Este negro não forma associações de negros, nem forma nas existentes, do tipo tradicional, precisamente porque são negras e a sua maior preocupação é esquecer que é negro; não estuda ou se bate pelos problemas do negro, porque acha que o negro, como negro, não tem problema: cada um deve fazer como ele fez e resolver o seu problema pessoal; não escreve sobre problemas negros nem se interessa intelectualmente por eles, é nórdico, é europeu, é ariano, é clássico, no gosto, no estilo, na forma, nas preferências e brada, como Cruz e Souza, que pretende ser o "supercivilizado dos sentidos", como protesto contra o fato de ser, na sociedade em que vive, o supersubalternizado na condição: mais que isso, quando estuda o problema, vai ao ponto de algumas

vezes tornar-se racista, fazer-se especialista em estudos de antropologia e biologia social para tentar provar, estudando problemas de raça e assimilação, que nosso mal é o negro e o nosso remédio, a "arianização".

Assim, ele "até nem parece um negro". E, quando já está quase convencido disto, uma querela insignificante, um bate-boca na rua, um fato qualquer, mesmo um pequeno fracasso ou um pequeno sucesso, gera um comentário, um apelido, um riso, um olhar às vezes, que rasga de chofre a realidade diante dele, coloca-o de novo, no *seu lugar* e ele sente, então, com extrema intensidade, o "drama de ser dois",⁶ de "representar-se em dois planos ao mesmo tempo".

Excusado é dizer que as *novas elites* de cor não se distinguem das *antigas elites*⁷ por não terem acaso, diante de si, tais problemas. Pelo contrário, não só o problema perdura como, de certo ponto de vista, ele até se agrava. O que ocorre é que diante desses problemas e dessas novas agravantes – e possivelmente em conseqüência delas mesmas – a reação das novas elites é diversa e mais agressiva, menos passiva e mais organizada, menos pessoal – embora, em inúmeros aspectos, mais personalista.

Noutros termos, o que se tem é, por excelência, a tentativa de utilizar novos "meios", novas "táticas", novas "pistas", novas "técnicas", novas "alavancas", novos "mecanismos", novos "processos" – conforme expressões textuais empregadas por alguns porta-vozes⁸ – de reagir ao problema e de tentar superá-lo.

É explícita, por conseqüência, a intenção de fazer, em comparação com o padrão anteriormente descrito, uma nova definição do papel do negro de elite no quadro das relações de raças e de novas maneiras de atuar sobre elas.

Enquanto que as antigas elites, na medida em que ascendiam, tinham a preocupação de branquear-se, confundindo-se em tudo com o extrato branco superiormente colocado, as novas elites negras pretendem ascender como elites negras, sem deixarem de ser negras, negras mais do que nunca, declarada e orgulhosamente negras, apoloéticas da *negritude*. Esta distinção, que é fundamental, confere à formação das elites negras contemporâneas uma significação toda especial, pois muito dificilmente deixarão as novas gerações, para o futuro, de serem atraídas por essa ideologia de revalorização étnica, na qual não se percebe logo no primeiro plano o que tem de falaz e o que contém de fecundo.

O intelectual de cor tende a viver boa parte da vida num *status* que reflete, de modo, ora mais, ora menos intenso, o peso de sua posição atual. Seu desenvolvimento intelectual multiplica sua sensibilidade a esse problema, mas ele é, em suma, o mesmo que tende a sentir um número cada vez maior de negros, intelectuais ou não. Por isso mesmo, na medida em que o problema pessoal dos homens de cor *evoluidos* é apenas um reflexo de um problema social de um número crescente de negros que se diferenciam das massas de cor, o intelectual habilita-se a exprimir esse problema e faz-se o porta-voz natural das angústias e das aspirações de seu grupo étnico enquanto grupo social.

Daf resulta toda uma nova – histórica e sociologicamente nova – colocação do problema, que se reflete em graus diversos de tomada de consciência prática desses novos aspectos, que é o que exprimem, em sua estrutura, programa e ideologia, as associações de novo tipo do negro contemporâneo no Rio de Janeiro.

As associações negras de novo tipo começaram a nascer no Brasil depois da revolução de 1930 e têm sua curta história diretamente ligada não só, *lato sensu*, às mudanças de estrutura da sociedade brasileira, mas também, *stricto sensu*, aos acontecimentos e às orientações que, a partir daquela data, marcam a vida política do Brasil – e do mundo – numa fase agitada pelas crises e tensões que assinalam todo o período.

Daquelas que primeiro surgiram nenhuma sobreviveu até hoje: apareceram como sintomas e disso não conseguiram passar. De resto, a partir de 1935 e, especialmente, de 1937 a 1945, a situação política nacional era inteiramente adversa a movimentos e organizações como estas, de base popular e caráter reivindicativo, particularmente reivindicações desse tipo, inteiramente novas e estranhas no quadro das relações de classe e de raça no Brasil.

O Rio de Janeiro e São Paulo, área onde se desenvolviam pioneiramente as mudanças de estrutura que estavam contribuindo para colocar o problema em novos termos, foram as sedes destas associações formadas pelo negro de novo tipo e, entre as do Rio de Janeiro, que em particular nos interessam, todas aquelas atualmente existentes foram fundadas de 1944 para cá, aproximadamente com o restabelecimento do regime representativo e do fim da Segunda Guerra Mundial, em cujo painel ideológico a luta contra o racismo teve significação tão destacada.

Por que terá sido esta a fase de nossa evolução contemporânea em que começaram a surgir associações negras que, na composição, na estrutura,

no programa e na ideologia, eram tão diversas das associações tradicionais, muito mais populares do que negras, do tipo daquelas que atrás estudamos? De certo não por mera coincidência!

Os anos anteriores a 1930, desde o fim da Primeira Guerra Mundial deste século, haviam sido teatro de acontecimentos fundamentais na vida brasileira: crise dos principais produtos agrícolas, que representavam o esteio exclusivo de nossa estrutura econômica, surgimento e expansão de um parque industrial que não cessaria mais de se desenvolver, declínio progressivo do monopólio que os interesses agrários detinham sobre o poder político, crescimento dos núcleos urbanos e de sua influência, ou seja, ampliação da esfera cosmopolita dentro do horizonte brasileiro, formação, crescimento e presença política do proletariado nacional, marcha crescente da burguesia para o controle da governança do País.

Todo um ciclo de movimentos políticos de diversa índole e orientação – de 1922, de 1930 a 1935, de 1935 a 1937, de 1937 a 1942, de 1942 a 1945, de 1945 até hoje – assinalou o crescer da inquietação social e política que resultava dessas mudanças estruturais, e deste ciclo agitado fluiu permanentemente um magma ideológico, extremamente heterogêneo, feito das formulações programáticas com que os grupos envolvidos na ronda dessa fase de nossa história social recente interpretavam e agiam, do ponto de vista de suas respectivas posições, sobre a sociedade em mudança, sobre os fatores, o processo e as perspectivas dessa mudança.

Sincronizado com o mundo e estruturalmente marginalizado dentro dele, pois o que muitas vezes lhe parecia um progresso a ser conquistado era algo que noutras partes a história estava definitivamente superando, o Brasil, nesse período, foi campo em que se cruzaram fogos, vindos uns dos aspectos brasileiros da crise universal, outros vindos dos aspectos universais da crise brasileira.

Dentro deste quadro geral, que abrange toda uma nação em fase decisiva de seu desenvolvimento, dentro de um continente que começava a atingir sua maioridade para o mundo e dentro de um mundo em plena gestação de uma nova civilização, é que estão situados os movimentos sociais do negro brasileiro contemporâneo, produtos deste contexto, que somente dentro dele podem ser compreendidos em sua plena significação.

A primeira relação direta e fundamental a ser destacada entre essa situação total e o problema particular que estamos analisando revela-se no tipo social do novo negro que comparece nesses movimentos associativos.

O proletariado industrial e urbano no Brasil tem como núcleos históricos o imigrante e o escravo livre. Para este, a migração para as cidades, o emprego na indústria, o abandono da ocupação agrícola semi-servil, regulada principalmente por relações pessoais, a integração nos quadros de uma economia industrial e numa esfera de relações nitidamente contratuais significaram o começo de uma mudança radical de *posição*, que cedo começava também a produzir mudanças equivalentes no plano da *mentalidade*, do estado de espírito e, daí, no plano das *aspirações*. A identificação do negro com o proletariado – identificação *de fato* e identificação simbólica, no plano dos estereótipos do branco sobre o preto – implicou, inevitavelmente, no início de um processo lento de diferenciação social dentro do grupo étnico, como resultado da qualificação da mão-de-obra no mercado de trabalho, da mobilidade profissional, do recrutamento de trabalhadores especializados para funções de diversa hierarquia social, da seleção de quadros para postos e empregos de comando, direção e chefia em diversos níveis e setores da estrutura empresarial e, finalmente, na possibilidade de essa diferenciação repercutir no próprio sistema de estratificação social, por meio do ingresso de elementos de cor em determinados setores da classe média urbana: nos serviços, na administração, nas carreiras liberais, no pequeno comércio, no artesanato.

Na medida em que essa mobilidade se processa, ganha volume e intensidade, tende o desejo para as suas últimas conseqüências – que são, em última análise, o pleno acesso e participação do negro em todas as esferas e benefícios da vida social. Para atingir esse alvo, a posição histórica e objetiva das massas de cor na sociedade brasileira e a ideologia tradicional predominante numa sociedade dirigida por brancos, como é a nossa, representam barreiras a serem vencidas e dificuldades a serem superadas pelos elementos em ascensão.

A segunda relação direta e fundamental a ser assinalada entre a mudança social e as associações de novo tipo é a função de liderança que a elite negra, formada em conseqüência daquela diferenciação social, procura assumir e desempenhar à testa das massas de cor, estimulando, para isso, os mecanismos de consciência grupal, de solidariedade específica de cor, de revalorização dos “valores da raça”, fazendo apelo aos impulsos de afirmação étnica e tentando dirigi-los, tal como procedem todas as elites agressivas, ao porem uma idéia-força em movimento. Neste sentido, estas associações encarnam e levam à prática aquela nova definição, já referida, sobre qual deva ser a atitude da elite negra no interior de uma sociedade de brancos em que a linha de cor não se cristalizou em leis.

A terceira relação direta e fundamental, conseqüência das anteriores, que julgamos deva ser destacada entre a fase atual de mudança social e as associações negras de novo tipo é a contingência a que se reduzem de serem movimentos de cúpula que geralmente só encontram no seio das massas de cor indiferença e desinteresse, quando não antagonismo e oposição. Isto está ligado, por sua vez, ao fato de as grandes massas de cor no Brasil estarem social e economicamente identificadas com o proletariado e tenderem fortemente – no plano associativo, político e ideológico – a atuarem na vida brasileira muito mais na órbita de sua classe do que na de sua raça.

A radicalização progressiva, as lutas e a organização da classe operária, que vêm assinalando nos últimos tempos sua presença e atuação na vida política brasileira representam para as massas de cor, inevitavelmente envolvidas nesse processo, um foco de atração ideológica militante em face do qual, para elas – embora não para as elites negras –, o apelo das associações específicas de homens de cor soa apenas como linguagem ladina de espertalhões e aproveitadores, especialmente de “mulatos pernósticos”, “pescadores de águas turvas”.⁹

A elite que se forma nessas associações, e que as formou para si, para resolverem problemas seus, de *status*, de aspirações, de mobilidade e de resistência que encontra à sua mobilidade e às suas aspirações, sofre, por sua vez, do mal incurável de não saber falar outra linguagem que não seja a do seu horizonte de extrato médio, duplamente asfixiado por sua condição de raça e de classe.

O problema social não resolvido que essas associações e movimentos negros têm à sua origem e como sua razão de ser é, portanto, fundamentalmente, um problema de extrato pigmentado superiormente colocado, que diferenciou da massa negra e mestiça e que ansiosamente se dedica à busca dos meios e modos: a) de entender e b) de resolver o seu específico problema – o que faz, de resto, com todas as virtudes e defeitos, as possibilidades e as limitações que derivam de seu enquadramento no meio, na sociedade e no tempo em que vive e de que é produto.

A associação de novo tipo é, por excelência, uma criação do homem de cor marginal que, para não se chamar a si mesmo de marginal, recorre a Max Scheler e denomina-se “homem ansioso”, para quem “o ser mais, o valer mais etc., na possível comparação com outros, chega a constituir o fim de sua ânsia, antes que todo valor objetivo”.¹⁰

Colocado o problema à luz dessas perspectivas e abordado o seu estudo a partir dessas premissas – que na verdade representam conclusões de pesquisa mais ampla e aqui são apresentadas como introdução à análise dos casos –, não só é possível como também se impõe voltar agora a atenção para os pontos fundamentais do material recolhido que documentam a hipótese central, fugindo, mais uma vez, ao vazio e à rotina do puro trabalho etnográfico ou do ensaio simplesmente sugestivo, de sabor folclórico, que mais parece um bazar desarrumado, onde tudo explica tudo e nada fica provado, e onde o acessório e o fundamental se misturam e se nivelam sem nenhum critério de pertinência científica no uso do material recolhido.

Tomemos, em primeiro lugar, o Teatro Experimental do Negro (TEN) que, dentre essas associações aqui chamadas de novo tipo, foi, sem dúvida, aquela que ganhou maior envergadura e mais repercussão no quadro da situação em que atuou, dando motivo, aliás, a que, pautando-se sobre seu modelo, outras organizações surgissem depois dele com estrutura, objetivos e, principalmente, função semelhante. Neste sentido, o TEN pode e deve mesmo ser encarado muito mais como um movimento do que, *stricto sensu*, como uma associação.

De fato, nascendo como uma trupe de artistas de cor, que se reuniram numa atitude de protesto contra a linha de cor que lhes dificultava a ascensão, foram levados, pela dinâmica da tensão racial, a assumirem a envergadura de um movimento, mais que isso: de um grupo de pressão,¹¹ havendo fracassado mais tarde pela má sorte que teve como tal e não como grupo de teatro, pois nesse caráter, enquanto funcionou, teve relativo sucesso.

O TEN nasceu em 1944 como grupo teatral e, em torno dele, aos poucos, se foram desenvolvendo, como resultado de sua existência e funcionamento, uma estrutura e uma ideologia que excederam de muito seus propósitos originais, pois, desde que nasceu até que passou a viver a vida apenas latente que hoje vive, nunca deixou de ser o que a tensão racial o obrigou a ser, embora em certo momento os seus dirigentes tivessem tido a ilusão de estar controlando esse processo e imprimindo a ele uma direção desejada.

Originalmente o grupo surgiu como um protesto contra a ausência do negro nos palcos brasileiros, ou contra sua presença apenas em papéis de segunda categoria, geralmente bufões ou ridículos, que assim teatralizavam a posição socialmente subalterna do negro na estrutura social. O fato de, quando uma peça exigia um negro em papel de destaque, pintar-se um branco de preto e dar-lhe o desempenho feria a sensibilidade dos negros de vocação

artística e levou alguns deles, dirigidos por Abdias Nascimento, a criar um grupo teatral só de negro, dedicado a representar peças em que eles tivessem a oportunidade de se revelarem e se destacarem.¹² A primeira tentativa de Abdias foi feita em São Paulo, mas não teve êxito. Nessa ocasião ele já se destacara na luta contra o preconceito racial, tendo sido um dos promotores de uma convenção de homens de cor na cidade de Campinas (São Paulo), e foi um dos negros paulistas que vieram ao Rio protestar contra a tentativa dos comerciantes da Rua Direita, desta cidade, de proibir que pessoas de cor se concentrassem naquela via pública aos sábados à tarde, alegando que com isso tinham prejuízo, pois a presença de pretos afugentava a freguesia branca, de maior poder de compra. Instalado no Rio de Janeiro, Abdias assistiu a uma série de conferências do teatrólogo Pascoal Carlos Magno, insistindo sobre a necessidade do teatro negro. Aproveitando a deixa, Abdias retomou a idéia, desta vez com mais sorte, e assim nasceu o TEN, cujo sucesso no palco despertou a atenção de outros negros que a ele se agregaram, ampliando a estrutura e os objetivos do movimento, que durante algum tempo seria a mais legítima expressão ideológica da pequena burguesia intelectualizada e pigmentada no Rio de Janeiro, e, sem dúvida, no País.

Para essa camada o movimento foi uma verdadeira revelação e sobre ela exerceu às vezes, pelas perspectivas que abria, um verdadeiro fascínio. É o que transparece, por exemplo, no depoimento que se segue, oferecido por um intelectual de cor que viria a ser mais tarde um dos mentores do movimento. Ele conta assim a maneira como foi conquistado pelo movimento de Abdias:

Há cinco anos surgiu no Rio o TEN. Era mais um clube de diversões (parecia a princípio) e, em seguida, após algumas atividades, tais como a Convenção Nacional do Negro, parecia que se tratava de mais um centro de cultura de recalques, em que negros "freudizados" se reuniam para carpir o destino da raça. Parecia.

Há cinco anos passados, o fundador do TEN me procurava para obter meu apoio à sua iniciativa e eu o despistei, como se despista a um demagogo e a um negro ladino. Ficou, entretanto, deste encontro, a curiosidade pelo movimento. Acompanhei o TEN. Várias conversas, vários encontros com o fundador do TEN. E, em certo momento, vi, enxerguei a intuição que Abdias Nascimento carregava em si; vi, enxerguei a pista jamais suspeitada que ele estava abrindo na vida nacional.

Para um homem pegado de mau jeito pela sorte, como esse que vos fala, e que está ainda com a vida por organizar, esta descoberta representava uma maçada. Uma maçada porque me obrigava a uma

devido, que honestamente se poderia ter uma: a de torná-lo um aliado de Abdias Nascimento, na realização da obra pela valorização do homem de cor. Ai dos homens para quem as idéias existem.

A força daquela intuição venceu as minhas resistências e até mesmo o meu escrúpulo em confundir-me com certo tipo de reivindicador contumaz.¹³

Ninguém melhor do que alguém que viveu o processo podia descrever esse aspecto de *revelação*, de *intuição*, de *descoberta* de "pista jamais suspeitada", *visto* considerada genial da tomada de consciência prática de seu problema, que permitia ao intelectual negro de classe média, sem aparentar ser um "freudizado", lutar como *elite*, num *plano de espiritualidade*, "pela valorização do homem de cor", sem se confundir "com certo tipo de reivindicador contumaz".

"É esta uma das finalidades mais importantes do nosso movimento: a de suscitar o florescimento de uma *elite de homens de cor*, capazes de empreendimentos de envergadura, na esfera da cultura", como diz, em editorial, o jornal *Quilombo*, órgão do TEN,¹⁴ que continua: "A unidade desta elite (que pode integrar os temperamentos pessoais mais diversos e contraditórios até) não se estriba numa arregimentação, mas numa espiritualidade, de que o Teatro Experimental do Negro é a alma *mater*".

Atraindo a elite, preocupado em não fazer arregimentação de massas, temeroso de ser confundido com certo tipo de reivindicador contumaz, o TEN, já então ampliado em sua estrutura, e cada vez mais forçado pela *tensão racial* a tornar mais nítidos seus reais objetivos e sua verdadeira função, passou a multiplicar suas atividades e a fazer, na prática, em sua arregimentação, não da massa, mas da elite, como passo inicial, preparatório de novos vôos.

É o que revela, aliás, o seu fundador ao declarar em discurso: "o TEN não é, apesar do nome, apenas uma entidade de objetivos artísticos. A necessidade da fundação deste movimento foi inspirada pelo *imperativo da organização social da gente de cor*", acrescentando em seguida:

Não é com elocubrações de gabinete que atingiremos e organizaremos esta massa (de cor), mas captando e sublimando a sua profunda vivência ingênua [...] manipulando as sobrevivências paideumáticas, que se prendem às matrizes culturais africanas, através de um teatro asentado nas reminiscências míticas e nos impulsos místicos do negro.¹⁵

Ao procurar identificar as razões do fracasso de outras associações negras, no sentido de aproveitar-lhes as experiências, evitando o mesmo desfecho, diz ainda Abdias: "Parece-nos, e tudo confirma, que o motivo (do fracasso) estava e está em que os *fins* destas associações, embora fossem algumas vezes corretamente identificados, os *meios* de ação eleitos para atingi-los foram *desadequados*", acrescentando: "Há, portanto, a ordem dos meios e a ordem dos fins[...] O TEN pertence à ordem dos meios. Ele é um campo de polarização psicológica, onde se está formando o núcleo de um movimento social de vastas proporções".

As proporções verdadeiras deste *vasto movimento social*, a camada que pode ser realmente atingida pelo seu apelo e em cuja posição e perspectiva ele pode ter ressonância, o objetivo supremo e expresso de sua idéia-força, seu movimento, sua ideologia, Abdias assim o define textualmente: "Adestrar gradativamente a gente negra nos estilos de comportamento da classe média e superior da sociedade brasileira".¹⁶

Temos assim, um movimento cujo objetivo é adestrar o negro nos estilos das camadas predominantemente brancas e socialmente dirigentes da sociedade brasileira, baseado na convicção de que as massas de cor, em conseqüência de seu baixo nível cultural – afirma Abdias que a mentalidade do negro é "pré-lógica" (sic) – não podem ser atingidas por idéias, conceitos e "técnicas letradas", só sendo possível alcançá-las "manipulando" o misticismo, as sobrevivências africanas, suas tendências artísticas e musicais, seu sentimentalismo, sua "vivência ingênua", seu gosto pela recreação, pela exteriorização, pela representação, em sua predisposição para responder aos apelos de tudo o que é místico e fantástico e que sejam fortes em "teluricidade".

Na sua história curta e nesta breve caracterização vê-se que a linha de cor gerou o grupo teatral e experimental de negros e este, em face da *tensão racial*, foi levado a transformar-se num movimento – uma estrutura e um programa destinados a bater a linha de cor não só na ribalta, mas em todas as frentes, inclusive, como declararam repetidamente, dentro do próprio negro em quem a sociedade inoculou um complexo de humildade que é o seu mais forte inimigo.

A situação racial brasileira, cujas barreiras o TEN quis inicialmente desbordar por vias laterais, obrigou-o, na prática, a superar a limitação deliberada de seus objetivos artísticos originais, frustração que o forçou a transformar-se de um *grupo teatral* em um *movimento social*, que atingiu seu período de maior vigor aparente quando, por assim dizer, deixou de "representar" e

passou a funcionar no quadro das tensões raciais como um "grupo de pressão", a desempenhar o seu papel de elite militante, terminando por indicar um candidato às eleições municipais de 1950 – que foi, aliás, o próprio Abdias.

O período áureo do TEN não foi pura e originalmente artístico, foi o pré-eleitoral (1949–50), quando o entusiasmo de seus dirigentes e a generosidade interessada de candidatos brancos a postos eletivos forneceu os meios psicológicos e financeiros para o TEN ter uma sede própria, editar um jornal e melhorar sua apresentação, realizar seus bailes elegantes, concursos de beleza, congressos e conferências, a reivindicar auxílio governamental – concedido, mas não recebido – a aumentar sua envergadura, seus propósitos, sua influência aos olhos dos negros, dos brancos e, principalmente, aos seus próprios olhos.

As eleições nacionais de 1950, entretanto, representariam um teste decisivo. A euforia foi tamanha que o diretor do TEN lançou aos partidos a sua candidatura e um deles lançou sua candidatura ao eleitorado.¹⁷

Na sua propaganda eleitoral o candidato frisava a importância numérica da população de cor no Brasil e alinhava as iniciativas que ele pessoalmente havia tomado em favor da população negra. "Somos vinte milhões de brasileiros [...] a exigir, em nome da democracia, um número correspondente de vagas para candidatos negros e mulatos". E com referência particular ao eleitorado da capital do País declarava em artigo de fundo do seu jornal: "Saibam os partidos e os candidatos que mais de um milhão de votos da massa negra pode e quer decidir da vitória". Milhões e milhões de esperanças, porém, ruíram com o desfecho das eleições, nas quais, aliás, Abdias nem sequer concorreu de fato, golpeado por uma manobra eleitoral do próprio partido que lhe patrocinou a candidatura.¹⁸

O despertar deste sonho eleitoral¹⁹ revelou uma realidade bastante crua: *Quilombo* deixou de sair, a sede desapareceu e os credores apareceram, os inúmeros órgãos, institutos, museus, conselhos e toda a constelação de setores de atividades em que o TEN se havia desdobrado permaneceram no papel e na sessão de instalação, donde nunca passaram, e a trupe que se tornou um *grupo de pressão* e sonhou o sonho cândido da negritude adestrada nos estilos das classes dirigentes declinou, murchou, morreu.

Já há dois anos caiu o pano. O TEN, senão como ideal ao menos como associação atuante, quer no plano de suas realizações artísticas, quer no plano das atividades de seus múltiplos órgãos e departamentos dependentes,

na data em que escrevemos, saiu de circulação, embora não tenhamos dúvida de que vive no ideal dos que o animaram e existe latente nas raízes da situação racial brasileira, de que o TEN, em certa época, foi um produto e um símbolo.

Foi através dos órgãos e setores conexos, ao lado da atividade artística, que o TEN tentou irradiar a sua ação, tentou ditar a sua "linha", mobilizar seguidores e prosélitos e tornar-se um movimento em marcha. Por isto mesmo estas atividades correlatas – algumas das principais – impõe-se sejam estudadas em particular, pois cada uma delas são formas e variantes específicas do papel básico que o TEN desempenhou, ou quis desempenhar – mas sempre exprimiu – no mecanismo das tensões raciais.

Uma das iniciativas mais ruidosas e de mais sucesso publicitário dentre as promovidas pelo TEN – embora, também, das olhadas com mais desconfiança pelos negros de geração mais antiga²⁰ – foram os concursos de beleza para a eleição da *Rainha das Mulatas* e da *Boneca de Piebe*. Foram feitos três ou quatro desses concursos, sob o patrocínio de órgãos da imprensa, resultando na coroação das eleitas em bailes de gala, com o comparecimento de figuras de destaque mundano. Esses concursos, de acordo com o objetivo explícito de seus organizadores, tinham por finalidade "promover a valorização social das riquezas eugênicas e estéticas" da mulher negra e mestiça e lograr, por este meio, o que foi chamado de "desrecalcamento em massa".

Em face da acessibilidade da mulher negra e mulata, no Brasil, à sedução do homem branco, resultante da posição social inferior dos grupos de cor na nossa sociedade e em face dos estereótipos correntes entre brancos sobre as excepcionais qualidades da mulher de cor para as relações sexuais extraconjugais – que é um dos estereótipos raciais melhor caracterizados que se podem encontrar neste país – tudo leva a crer que a *valorização* de que a mulher de cor está carecendo não é precisamente de ordem *estética* ou *eugênica* no sentido em que tais expressões são empregadas pelos promotores desses concursos de beleza, mas sim social, econômica, profissional e moral. O "recalcamento" da mulher de cor no Brasil, em princípio, não é provável que exista por falta de valoração estética, nem por falta de procura por parte do homem branco. Talvez ele até resulte mais do fato de haver uma valoração principalmente deste tipo, o que por sua vez resulta da posição social que a mulher de cor ocupa em face do homem branco. Este excesso de valoração puramente carnal, que é o reverso de sua inferiorização no plano econômico, social e intelectual, é, sem dúvida, a mais provável fonte desse "recalcamento".

Tudo parece indicar, por consequência, que o "desrecalcamento em massa" que os teóricos do TEN visavam a atingir nesses concursos de beleza de ébano era, acima de tudo, do homem de cor, para quem, em regra, em nossa sociedade, a mulher branca é relativamente muito mais inacessível do que a mulher de cor para o homem branco.

Nesse sentido, tais concursos parece que desempenhariam, principalmente, a função de destacar aos olhos do homem de cor as qualidades estéticas da mulher do seu próprio grupo étnico, a função psicológica, através da escolha da mulher-símbolo, de despertar nele o interesse pela mulher de cor, de convencê-lo de que não é um frustrado pelo fato de sua capacidade de escolha estar fortemente limitada, na sociedade em que ele vive, à sua esfera étnica e social, na qual caberia aos prélios de beleza negra demonstrar que existem qualidades estéticas e eugênicas plenamente desejáveis.

Aliás, é extremamente significativo notar a recente preocupação da elite negra com sua aparência estética. Para isso não é preciso procurar provas indiretas, pois o assunto é abordado diretamente na imprensa negra.²¹

Ao lado dos espetáculos teatrais e dos concursos de beleza, outro dos mais característicos setores de atividade do TEN como movimento social e cultural do negro é o que se refere aos ensaios de "grupoterapia" que levou a efeito como ponto básico do programa do Instituto Nacional do Negro, um dos departamentos que compunham o seu sistema. O Instituto do Negro, no conjunto, era o "departamento científico" que visava promover estudos relativos "a tudo quanto se referia a assunto negro, quer seja de caráter antropológico, sociológico, histórico, religioso ou lingüístico". Sua atividade principal consistiu num "seminário de grupoterapia", no qual as matrículas estavam abertas para os elementos do TEN, "admitindo-se, excepcionalmente, a inscrição de elementos estranhos aos quadros do Teatro Negro."²²

De acordo com o que se lê no órgão de divulgação do movimento, o "seminário" tinha por objetivo "formar uma turma de técnicos hábeis para organizar grupos, tendo em vista a eliminação das dificuldades emocionais que impedem a plena realização da personalidade da gente de cor". Segundo ainda a mesma fonte, o TEN pretendia ir, com as turmas assim formadas, "atuar nos morros, terreiros e associações de gente de cor", promovendo a valorização do negro por meio destas "purgações" de seus recalques. Trata-se, assim, não só do explícito reconhecimento, feito por líderes do movimento negro, da existência de fatores que conduzem a dificuldades emocionais, que impedem a plena realização da personalidade da gente de cor, mas, também,

de formar turmas de técnicos hábeis que, em catavana, se dirijam às áreas de concentração da população de cor com a finalidade de purgá-las de seus distúrbios emocionais e de sua angústia psicológica.

O dirigente e responsável teórico por este setor de atividades do TEN foi o Sr. Alberto Guerreiro Ramos e nos seus artigos para o jornal do movimento é que se encontram os materiais doutrinários referentes a este aspecto da atuação do Teatro Experimental do Negro.

Na aula inaugural do seminário, Guerreiro expõe sua concepção sobre o que ele chama de "sociatria", nome que preferiu dar à sociometria de J. L. Moreno, declarando que suas raízes vêm de longe, desde a *catarsis* de Aristóteles. Saint-Simon e Robert Owen são, na sua opinião, dois "faróis" donde derivam as correntes de pensamento que deram origem à "sociatria". Estes, porém, embora acertassem nos seus diagnósticos sobre os desajustamentos entre a estrutura da sociedade e a natureza humana, não encontraram uma "terapêutica acertada" para a resolução deste problema. A psicanálise, apesar de representar "o início da fase científica da sociatria", cometeu "erros graves, o principal dos quais é a confusão do biológico com o social", confusão que, segundo Guerreiro, "só recentemente foi inteiramente desfeita, especialmente graças aos esforços do médico e sociólogo austríaco Jacob L. Moreno". Augusto Comte, Rilke, Erich Fromm, Charles Peguy... têm também destacadas as suas contribuições ao problema.²³

Segundo Guerreiro, Moreno foi quem mais decisivamente contribuiu para "uma nova interpretação para o significado do drama" e confessa que é na obra numerosa de Moreno que se baseia "grande parte de seu ensaio".

Partindo da noção de que "a essência da sociedade é o drama", a terapêutica catártica preconizada consiste em inverter os termos do problema, fazendo do palco uma miniatura da sociedade e nele configurando situações teatralizadas nas quais o "paciente" (sic) representa papéis que lhe permitam extravasar na pequena *sociedade do palco* as angústias, os temores, as emoções, as ansiedades que lhe resultam na personalidade em consequência do papel frustrado que lhe cabe no *palco da sociedade*. Com isto, espera-se – e nisto consiste o objetivo "clínico" – inclusive "treinar", no indivíduo que se submete a essas figurações, "novas formas de conduta", que visem sua "readaptação" na vida social.

Entretanto – diz-se enfaticamente – o "mecanismo fundamental do psicodrama" é a *catarsis*, ou seja, "esta espécie de libertação interior", de alívio

da alma que resulta de ele representar no palco papéis que desejaria muito representar, na vida – que certamente representa, imaginativamente, em formas artísticas de pensamento – mas que objetivamente não consegue representar na estrutura social de que participa, donde lhe resulta a “ansiedade” de que o drama pretende “purgá-lo”.

Assim, com este “achado”, o TEN – que Guerreiro considera “uma das iniciativas de maior gravidade e profundidade na vida cultural do País”²⁴ –, é que o movimento tentou enveredar por “uma pista jamais suspeitada entre nós, ou seja, a de, pelo teatro, adestrar os [de] cor nos estilos de comportamento da classe média e superior”, retomando “a significação original do teatro como processo catártico”, com o que, sempre na sua opinião, conseguiu “transformar a luta de classes num processo de cooperação”.

Evidentemente, não cabe discutir aqui as teorias e os passes de terapêutica catártica preconizados pela “sociatria”, inclusive porque esta polêmica, no plano metodológico, teria de ser travada com os que propuseram originalmente tais concepções e para isto – *hic locus non est*. Interessa-nos destacar, isto sim, dentro do contexto da situação racial brasileira contemporânea, que a voga dessas idéias e práticas, entre intelectuais negros da classe média, no Rio de Janeiro, no fim da primeira metade do século XX, significa muito mais do que mera coincidência.

Em verdade, significa a existência de negros de classe média querendo se adestrar nos estilos de sua classe; significa a existência de barreiras às possibilidades objetivas deste adestramento e o conseqüente aparecimento de um estado de angústia entre esses negros; significa a racionalização da luta frontal contra essas barreiras, que não fazem para “não se confundirem com o tipo do reivindicador contumaz”, e a tentativa de contornar emocionalmente essas barreiras por meio de um mecanismo dramático de *faz de conta que somos brancos*; significa, finalmente, que a angústia psicológica da cor e as limitações ideológicas da classe juntaram-se aqui para preparar o terreno no qual floresceria a utópica aspiração de sair pelos morros, pelas favelas e pelos subúrbios levando a mensagem redentora da *catarsis*, o segredo da *purgação* dos recalques, a chave mágica do extravazamento de tudo o que a fome, e o salário de fome, o baixo padrão de vida, a herança da escravidão, a “casa de cachorro”, o analfabetismo, a doença, o preconceito e a linha de cor puseram na alma do homem do povo desta cidade, deste País e deste mundo.

Como não podia deixar de ser, estes e outros aspectos da teoria e da prática, da concepção e da atuação do TEN foram carecendo, aos poucos,

de se integrarem organicamente numa ideologia mais geral, que racionalizasse, que justificasse e imprimisse certa lógica a todos esses setores e iniciativas isolados de pensamento e de ação, que se impusesse ao movimento negro como um todo, compondo um sistema de idéias, uma filosofia da vida, uma bandeira de luta de forte conteúdo emocional e místico, capaz de se propagar, de despertar, de arrastar os homens negros com a força estimulante que têm as grandes idéias e as mensagens redentoras.

Para desempenhar essa função de *ideologia* do movimento negro, útil como mito nas horas de ascensão, necessária como consolo e como comunhão mística entre os iniciados nas horas de adversidade, é que surgiu – e continua hoje em plena elaboração – a idéia de *negritude*.

É preciso que se diga que os próprios intelectuais negros que falam da *negritude*, e os brancos que em torno do tema fazem variações, jamais lhe deram uma formulação explícita e sistemática; dir-se-ia que eles “sentem” a *negritude*, o que seria melhor do que afirmar que eles a “pensaram”, ou, ao menos, que a formularam como corpo coordenado de idéias e interpretações sobre o problema atual do negro brasileiro. Além disso, a *negritude*, subproduto ideológico da situação social de uma pequena elite de negros, representa, ainda, por excelência, a formulação particular que essa clique vanguardista dá à racionalização de seu problema e ainda guarda, portanto, nessa fase larvária de sua gestação como ideologia – da qual é possível que nunca passe – a marca muito nítida dos temperamentos, das preferências, dos estilos, das variantes pessoais de posição social e de mentalidade dos intelectuais negros de cuja cabeça brotou a idéia. A *negritude*, portanto, é uma ideologia *por vir a ser*, vivendo sua fase larvária e indefinida, algo informe, muito mais sentido do que pensado, já refletindo nitidamente uma situação social mas ainda longe das massas, das pugnas, das formulações pragmáticas, dos esquemas de conceitos definidos.

Por enquanto, cheira ao incenso místico das idéias de seita, sentido, apenas, pelos iniciados – está longe ainda de ganhar o odor do suor das massas em movimento perseguindo uma idéia-força.

Artistas, poetas, escritores, pequena elite intelectual da pequena burguesia negra, homens de sensibilidade multiplicada pelo choque de sua vocação, seu temperamento e suas ambições de encontro à realidade de classe e de raça em que estão situados, racionalizaram a sua queixa e, na ânsia de fugir ao cotidiano, transformaram sua cor, fonte, muitas vezes de dissabores, num valor supremo para eles, sob o qual se abrigam para dizerem “sem medo e sem vergonha”: *niger sum!*

O processo, portanto, é o mesmo da formação de todo mito; retira-se dos fatos uma *abstração*, considera-se essa abstração como um *fato*, e passa-se a enxergar, a pensar, a sentir, a agir em função dessa concepção invertida e mistificada das coisas. Aqui, o fundamental, o conteúdo, o concreto é o fato de a diferenciação social dentro do grupo negro ter dado lugar à formação de uma elite, que luta contra a linha de cor e para ascender nos quadros sociais existentes; o contingente, a fôrma, o acessório, o místico, o abstrato – é a forma pela qual o termo *raça* é colocado na equação.

Os textos escritos em que a idéia da *negritude* é referida são poucos²⁵ e em nenhum deles se encontra sequer uma tentativa de perfurar a névoa que a cerca e dar-lhe uma formulação clara do que ela pretende ser. Vejamos alguns exemplos de como os que escreveram sobre a *negritude* a ela se referem:

[...] *A negritude, essa sensibilidade e alma do negro debruçada sobre os problemas do universo[...]. (Agnaldo Camargo, em discurso lido na sessão de encerramento do Congresso do Negro)*

[...] *Apresta-se, (assim) o país, por intermédio de uma parte de sua inteligentzia (o TEN) para oferecer ao mundo uma metodologia genérica de tratamento de questões raciais. Esta é a nossa profunda convicção. No momento em que lançamos na vida nacional o mito da negritude fazemos questão de proclamá-la com toda clareza.*

[...] *A negritude não é um fermento do ódio. Não é um cisma. É uma subjetividade. Uma vivência. Um elemento passional que se acha inserido nas categorias clássicas da sociedade brasileira e que as enriquece de substância humana. (G. Ramos)*

[...] *A negritude, com seu sortilégio, sempre esteve presente nesta cultura (a brasileira), exuberante de entusiasmo, ingenuidade, paixão, sensualidade, mistério, embora só hoje, por efeito de uma pressão universal, esteja emergindo para a lúcida consciência de sua fisionomia. (idem)*

[...] *É um título de glória e de orgulho para o Brasil o de ter-se constituído no berço da negritude, doce e estranha noiva de todos nós brancos e trigueiros [...] (idem)*

É sempre neste tom que a *negritude* fala de si mesma: “é todo um humanismo”, “uma comoção idiossincrática do universo”, “uma terapêutica espiritual”, “termo de valor catártico e psicanalítico”, “uma superação do imperialismo antropológico e sociológico”. E mais ainda: “durante muito tempo (*a negritude*) será uma elaboração cultural cuja fruição se restringirá a um pequeno grupo de intelectuais”, que ainda se encontra “em sua fase

heróica, pois os homens que vivem o seu *pathos* são uns solitários, são criaturas paradigmáticas...”²⁶

Através dessas expressões enfáticas e rebarbativas, percebe-se, como dissemos, que a idéia da *negritude* é muito mais sentida do que pensada pelos que falam dela e exprime, antes de mais nada – como diz com muito acerto Alberto Guerreiro Ramos – um *pathos*, aquele que é sentido por alguns intelectuais negros e que querem se servir da idéia da *negritude* como “verdadeira terapêutica espiritual”, para obterem “a libertação do medo e da vergonha de proclamar sua condição racial” (sic).²⁷

Essa “terapêutica” atua por meio de uma supervalorização puramente sentimental da contribuição do negro à civilização brasileira – especialmente às artes e à literatura – mecanismo de compensação de tudo quanto resulta de adverso ao intelectual negro em consequência da linha de cor na sociedade em que ele vive. Nesse sentido, como uma mística de libertação subjetiva, a *negritude* significa uma fuga do quotidiano e um refúgio no fantástico.

Esse característico, de idéia revelada, transparece um pouco, aliás, da narrativa feita por Ironides Rodrigues, perante o Congresso do Negro, sobre como a palavra foi encontrada: certa noite, na casa de um deles, Ironides, Abdias e Guerreiro, com suas respectivas esposas, divertiam-se em família, comendo, bebendo, cantando e dançando. A certa altura, alguém, levado pelo entusiasmo do momento, erguendo o copo de cerveja, grita: *Viva a negritude!* Fez-se silêncio e todos passaram a meditar sobre o significado do termo, pesando-o e discutindo. Estava descoberta a palavra que serviria para batizar a racionalização de seu problema quotidiano e, como diz Guerreiro, para libertá-los “do medo e da vergonha de proclamar sua condição racial”.

Tudo pré-existia, portanto, e, quando o nome brotou do berro, veio vestir uma situação já existente e concreta na ordem dos fatos, passando, daí por diante, a ganhar as plumagens verbais que lhe dariam, na mente dos iniciados, a envergadura de uma concepção do mundo, de uma “cosmovisão”, semelhante à judaica.²⁸

Na tese de Ironides, apresentada ao Congresso do Negro, o problema é abordado do ponto de vista particular da estética. E essa aplicação consiste em afirmar que o negro, em consequência de atributos específicos de raça, tem uma sensibilidade hiperdesenvolvida, que o predestina à música, à poesia, à literatura, à dança, ao canto, em suma, às artes.

Já assinalamos a significação disso tudo como via de ascensão social do homem de cor na sociedade brasileira, o que torna relativamente fácil à tese encontrar em nossa história exemplos que, desligados de seu enquadramento real e histórico, servem aparentemente para confirmar aquele ponto de vista; já assinalamos, também, que as associações tradicionais do negro brasileiro foram, por excelência, religiosas e recreativas, das quais resultou sua característica contribuição à cultura de *folk* no Brasil – outra ordem de fatos que, desligada de seu contexto, traz uma confirmação falaz, aparente e ilusória à “estética da negritude”.

O pendor para as artes e o traço marcadamente sentimental da contribuição do negro ao cadinho de civilizações que a história criou no Novo Mundo não são traços ou atributos específicos do negro como *raça*; aqui, isto resultou da forma social e histórica particular através da qual o negro destribalizado foi introduzido na América, forma que, pelos seus característicos de violência física e cultural do negro, não só impediu que sua contribuição civilizadora fosse, também, marcante e diversificada noutras direções, como até forçou que ela só se pudesse realizar desta maneira.

Neste sentido, esse exclusivismo, ou melhor, essa preeminência do sentimental na contribuição do negro às civilizações do Novo Mundo significa mesmo uma deformação e uma limitação sociais e históricas das suas potencialidades, que ficaram embotadas, pouco floresceram, em consequência das condições adversas de sua transplantação para a América como escravo, que marcou e marca até hoje sua trajetória e a de seus descendentes nas sociedades nacionais de que participa neste continente. Não é por mera coincidência, aliás, que, aqui como nos Estados Unidos, precisamente a mesma falsa interpretação do problema que leva os negros entusiasmados com a idéia da *negritude* a exaltar um extraordinário pendor musical que enxergam na *raça* – esse mesmo pendor, igual e falsamente interpretado nos mesmos termos da tese da *negritude*, como traço intrínseco à *raça* e “paideumático” – é apontada pelos estereótipos da sociedade branca como prova de que “negro não dá mesmo para outra coisa”, “negro só está contente com chicote no lombo, cachaça no buxo e viola na mão”.

Como se vê, aqui, a *negritude* e a *antinegritude* confraternizam-se em torno da mesma visão errada e racista do problema. Por isso é que a idéia da negritude pode ser, em última análise, diagnosticada como um grande e perigoso estereótipo de um grupo de intelectuais negros a respeito do negro.

E como todo estereótipo, este tem também sua atração, seu poder de propagação, que atua até sobre os próprios rivais da idéia. Prova disso é

que um dos líderes negros que mais se revela avesso ao grupo da *negritude*, líder que foi dos que mais combateram este grupo durante o Congresso do Negro, prepara-se agora (março de 1952) para lançar em circulação um periódico que se chamará – *A voz da negritude*.²⁹

A idéia da *negritude*, esse grande estereótipo de alguns negros a respeito do negro, representa, assim, o subproduto mais sofisticado, mais sutil e, em certo sentido, mais elaborado, das mudanças em processo no quadro das relações raciais no Brasil e, em particular, no Rio de Janeiro. Seu estudo havia de ser feito ao lado, e como cristalização ideológica, do TEN, em cujo seio começou a elaboração de seu enunciado.

A verdade, porém, é que, mesmo sem assumir essas formas doutrinárias, nem pretender as complicadas sutilezas daquela concepção, existem e funcionam hoje, no Rio de Janeiro, outras associações da categoria destas que aqui chamamos de *novo tipo* e que resultam, na prática, em outras tantas frentes nas quais a elite negra leva a efeito a sua luta por um lugar no espaço social ocupado pelas classes média e superior da sociedade brasileira.

Essas outras associações têm seu fundamento sociológico precisamente nas mesmas condições de mudança estrutural que ressaltamos a propósito do TEN: são água da mesma fonte. Embora seja quase certo que os líderes de cada uma discordem dessa opinião, a verdade é que, do ângulo da análise em que aqui são observadas, entre todas elas as semelhanças são muito maiores do que as diferenças e não seria mesmo impossível vê-las, no futuro, marcharem para uma fusão estrutural em torno do que têm de comum nas origens e nos objetivos. Iniciativas como a Conferência Nacional do Negro (1949) e o 1º Congresso Brasileiro do Negro (1950), nas quais as discrepâncias entre as associações negras vêm à tona, às vezes em tom amargo, servem, exatamente por isto, como meios de acerto das diferenças e como etapas de progressiva identificação dos objetivos comuns. No último certame, aliás, em consequência de uma proposta de delegados dos negros de São Paulo, ampliada por Abdias Nascimento, chegou-se a discutir a criação de uma Confederação Nacional de Entidades Negras, idéia que não foi avante em consequência da oposição dos que julgavam prematura e perigosa a iniciativa, que certamente seria acoidada de racista pela opinião branca.³⁰

As diferenças, portanto, são de nuance, de ênfase maior ou menor que cada uma dá a este ou àquele aspecto ou consigna na luta comum que estão travando contra o que chamam “a herança da escravidão”, contra as barreiras objetivas e subjetivas que encontram nos costumes e nas instituições,

nas atitudes e nos estereótipos dos brancos e nos hábitos e na mentalidade dos próprios negros. É o que visivelmente se nota no que distingue os dois principais órgãos de liderança do negro no Rio de Janeiro atualmente — de um lado o TEN e, de outro, a União dos Homens de Cor, Uagacê.

Essas diferenças entre as duas associações têm assumido, às vezes, o caráter de competição, mas isso não acontece necessariamente sob a forma de pugna franca e hostilidade aberta de uma contra a outra. Não há isso, nem o mútuo combate é a tarefa essencial a que essas associações se dedicam, como não poucas vezes acontece em situações semelhantes. Muito ao contrário, não raro tem-se mesmo a impressão de certa emulação entre elas.

Na verdade, o que acontece é que há, em relação aos “intelectuais” do TEN, uma profunda desconfiança por parte dos dirigentes da Uagacê que, aliás, neste ponto, refletem uma atitude de maior sobriedade, característica dos negros *evoluidos* de outra geração; por outro lado, em relação aos líderes da Uagacê, os dirigentes do TEN não escondem uma noção de superioridade e certo desprezo pelos “reivindicadores contumazes” e pelos processos de luta que adotam.

Apesar disso, os gestos oficiais de cordialidade são freqüentes, e a ambição de liderar não permite romper. Quando, por exemplo, José Bernardo, orientador da Uagacê, depois de sua atitude no Congresso do Negro e do bloqueio que teve sua tese por parte dos outros elementos, escreveu no seu jornal *Himalaia* um artigo de fundo sob o título O congresso do negro Abdias, fortemente crítico quanto à pessoa, o passado, as atitudes e as intenções do dirigente do TEN, resolveu, o próprio José Bernardes, dias depois, tirar aquele número de circulação, lançando outro em seu lugar, em que toda a matéria do anterior era reproduzida com exceção do referido artigo.³¹

O primeiro, como vimos, foi um grupo teatral que se tornou grupo de pressão; a segunda nasceu e se mantém mais propriamente como associação, que desde o primeiro dia de existência proclama ser organização destinada à ação contra o preconceito de cor e pelo alevantamento material, moral e cultural do negro, por via, principalmente, da assistência social.

O TEN atraiu principalmente, com o tipo de atividades a que se dedicou, os intelectuais, os artistas, os estudantes, os escritores; definiu-se a si mesmo como “uma espiritualidade”. A Uagacê recrutou e atraiu mais outros setores sociais da população negra e nela parece não haver, como há entre alguns intelectuais mais sensíveis do TEN, nenhum receio de serem confundidos

com o tipo de “reivindicador contumaz”. Os homens da Uagacê são, de fato, contumazes na reivindicação, sabem bem porque são e parecem dispostos a continuar sendo enquanto lhes for possível.

Ao lado das diferenças de composição, o TEN atraindo mais os setores intelectuais da pequena burguesia negra — e do estilo de luta —, a Uagacê dedicando-se mais às reivindicações imediatas, há, também, diferenças de mentalidade, que resultam do fato de a Uagacê ter praticamente nascido no seio do “Centro Espírita Jesus do Himalaia” com sede em Niterói, associação religiosa à qual a Uagacê tem seu destino fortemente ligado: o líder do Centro Espírita, jornalista José Bernardo da Silva, é o “orientador” da União e age como seu prestigiado mentor, cabendo ao presidente, Joviano Severino de Melo, a parte mais executiva e o que se poderia chamar “relações com o público”. Por outro lado, o estilo de trabalho do TEN mais facilmente congrega pessoas de orientação filosófica a mais diversa.

Ao lado disso, e como resultado dessas discrepâncias, no que se refere à “linha tática”, a principal diferença entre os dois organismos reside no fato de o TEN pretender ser, principalmente, um órgão cultural, que se aproveita, mas não se quer confundir, com o que se chama “a vivência ingênua” do negro-massa, enquanto que a Uagacê, que está mais próxima desta “vivência”, preocupa-se mais diretamente com ela e aponta como solução para o problema do negro a assistência social, como meio de atender aos seus problemas imediatos de miséria econômica e social. Para isso, no estilo das agremiações de caridade e assistência, costuma organizar caravanas que visitam bairros e cidades vizinhas promovendo a distribuição de roupas, calçados, alimentos, medicamentos etc., às populações pobres.

Essas discrepâncias de tática vieram nitidamente à tona no Congresso do Negro, sob a forma de discussão, às vezes bastante acre. José Bernardo da Silva apresentou uma tese na qual surgiam exclamações como estas: “Basta de congressos culturais”, ou então: “Já estamos em tempo de fazer pelo negro alguma coisa de mais objetivo”, e outras dessa natureza, que provocaram forte reação, de aplauso para uns, de condenação para outros.

O que de “mais objetivo” a Uagacê propõe vem indicado nas propostas que, por intermédio de seu “orientador”, a União apresentou ao Congresso:

1. combate a toda e qualquer *discriminação racial* (grifado no original);

2. amparo material, cultural e moral ao negro de qualquer nacionalidade, condição social, crença política ou religiosa; e a *qualquer membro dos demais grupos étnicos desde que não sejam inimigos dos negros* (grifo do Autor);

3. fundação de escolas, postos médico-assistenciais, pequenas cooperativas de víveres, roupas e calçados nas favelas, nos sertões e nos litorais;

4. criação de grupos educacionais sob a orientação de competentes educadores sociais, escolhidos pela sua elevação cultural e seus princípios humanitários e cristãos;

5. incrementar e difundir a alfabetização das crianças, adolescentes e adultos do grupo étnico afro-brasileiro, a começar pelo âmbito familiar;

6. providenciar sobre a criação de um órgão econômico capaz de financiar devidamente os empreendimentos indicados.³²

A última proposição que é a chave de todas as outras, donde sairão na prática os meios materiais de levar à aplicação o plano assistencial apresentado, não avança detalhes sobre o *modus faciendi* da criação desse órgão econômico financiador das iniciativas. No corpo da tese as únicas indicações a respeito que podem ser encontradas sobre o assunto referem-se à necessidade, para reunir os meios, de “tocar os corações bondosos e os espíritos construtivo e humanitário (e, obviamente, a bolsa recheada) de alguns homens ricos e poderosos (e, provavelmente, brancos). Recomendava-se ainda, na tese, que isto devia ser feito “sem o auxílio direto [...] do que anda por aí com o nome de Estado Nacional”.³³

A categoria de problemas que a Uagacê reputa como mais importantes para o negro – determina, como vemos, os meios eleitos para enfrentá-los e a assistência, dentro dos quadros sociais existentes e por eles rigorosamente respeitados – impõe-se, assim, como atividade prática, por excelência, da associação. Ao lado disso, a Uagacê desempenha também uma intensa atividade como grupo de pressão. Assim, quando a firma norte-americana Sydney Ross recusou-se a aceitar uma candidata a emprego por ser de cor, Joviano compareceu à firma, acompanhado de fotógrafos e jornalistas, agitou o problema, deu entrevistas, trocou correspondência com o gerente da empresa e levou-o a afirmar em carta que não fora aquela a razão da recusa de admissão da jovem escura. A Uagacê comemora, também, todos os anos, com solenidades públicas, o dia da assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem; seus dirigentes participam ativamente do Conselho das Organizações Não-

Governamentais, patrocinado pelo Escritório de Informações das Nações Unidas no Rio de Janeiro, onde colocam sempre na ordem do dia o problema do combate ao preconceito racial.

Recentemente, seu orientador, acompanhado do presidente da associação, obteve uma audiência do Presidente da República, a quem foi agradecer a sanção da lei que considera crimes comuns os atos de discriminação racial. Na ocasião protestaram, também, contra os cartazes oficiais distribuídos a propósito da data de 1º de maio, nos quais as figuras que aparecem são todas brancas e nenhuma negra; na mesma oportunidade os líderes da Uagacê concitaram o Presidente da República a nomear um negro Ministro de Estado, para demonstrar que seu governo não é racista, e protestaram contra o fato de não haver negros na carreira diplomática, especialmente contra a ausência de negros na delegação brasileira à última Assembléia das Nações Unidas, reunida em Paris, onde um delegado brasileiro branco discursou contra a opressão do negro na África do Sul, esquecendo o que ele sofre aqui mesmo no Brasil.

Estes são apenas alguns exemplos das diversas formas pelas quais a Uagacê exerce sua função de grupo de pressão, no sentido de combater a linha de cor. A elas se junta, finalmente, a publicação do jornal *Himalaia*³⁴ e as cartas, telegramas, abaixo-assinados, entrevistas, manifestos, panfletos com que os seus dirigentes protestam e reagem toda vez que têm conhecimento de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação racial.

Desde sua fundação em 1949, feita “sob a invocação de São Benedito e dos Santos Protetores”, a Uagacê não tem ampliado muito os seus quadros associativos, mantendo-se mais, como movimento de cúpula que é, por força da dedicação de seus próprios dirigentes que absorvem toda a vida da associação. Neste sentido, ao contrário das outras que nisto são mais liberais e até descuidadas, a Uagacê é extremamente formal e exigente na escolha e seleção de seus membros, que sofrem sindicância, preenchem fichas e prestam informações antes de serem admitidos, ocasião em que subscrevem um compromisso solene de lutar contra a discriminação racial.³⁵

O símbolo da União, que comparece na bandeira, nos papéis oficiais, e nos distintivos que seus membros usam no peito, é formado por duas mãos entrelaçadas, uma branca, outra preta, representando a confraternização das duas raças e que Joviano, com ironia, interpreta como sendo “minha Mãe lavadeira e meu Pai quitandeiro...” (a negra e o português).

Primitivamente um apêndice da Uagacê, existe também no Rio de Janeiro a União Cultural dos Homens de Cor, dirigida pelo Sr. José Pompílio da Hora, professor secundário, também candidato a vereador nas últimas eleições. Hoje a União Cultural tornou-se independente.

Seu contato com a massa negra ainda é mais reduzido e esta associação quase que se tem reduzido a um círculo de amigos. No ano corrente (1952) esta associação instalou-se em nova sede e deu início aos seus cursos de culinária, corte e costura, alfabetização de adultos etc.

Em certo sentido, a natureza dos cursos abertos pela União Cultural deu causa a certa desilusão para alguns elementos negros que dela esperavam outra espécie de atividade orientadora, de nível mais elevado. O assunto serviu até de motivo para pilhérias e expressões irônicas por parte de intelectuais negros, em nossa presença. A verdade, porém, é que — deliberadamente ou não — a União Cultural, com os cursos que pôs em funcionamento, não deixou de demonstrar certa dose de autocritica e realismo em face das necessidades do meio e das suas possibilidades de atuar dentro dele. Os cursos de corte e costura, por exemplo, hoje, no Rio de Janeiro, funcionando por toda parte — cada bairro da cidade com quatro ou cinco deles sempre cheios, com horários noturnos e preços módicos —, representam uma prova do foco de atração que são de fato para as empregadas domésticas, que aí encontram hoje sua principal oportunidade de mobilidade profissional. Não é por acaso que tais cursos constituem o pesadelo de muitas donas de casa...³⁶

O presidente da União Cultural, durante certo tempo, manteve uma seção permanente num diário do Rio de Janeiro, seção que se intitulava *A voz do negro*, na qual, ora em tom de protesto, ora em tom de lamento, comentava fatos relativos ao alevantamento do nível social dos homens de cor e ao combate ao preconceito racial.

* * *

Como ficou dito, em que pesem as discrepâncias, a maioria delas de ordem personalista, que as distinguem e separam, compreendemos melhor as verdadeiras perspectivas das associações de novo tipo do negro brasileiro contemporâneo quando as observamos do ponto de vista de como todas elas reunidas formam um *movimento*, que assinala e reflete as novas situações de tensão racial surgidas no Brasil em consequência das mudanças sociais em progresso.

Para coroar esta análise, toda ela feita à luz desta hipótese fundamental, resta-nos, finalmente, lançar uma vista de conjunto sobre este problema das tensões sociais, em cujo bojo ocorrem e se explicam os fatos que hoje caracterizam a situação racial brasileira.

Notas

¹ Segundo o Prof. Roger Bastide, essa teria sido uma das razões da fraca originalidade do que ele chama "a poesia afro-brasileira", toda ela marcada, segundo diz, "pelo estigma da imitação" — pois tinha como função social útil à minoria negra que a criava permitir a ela sentir-se branca pelo fato de imitar o branco. Obviamente, ele se refere à criação escrita e erudita, não à oral e folclórica. Cf. Roger Bastide, *A poesia afro-brasileira* (1943), especialmente p. 17-19. Do mesmo autor ver *Naissance de la poésie nègre au Brésil. Présence africaine*, n. 7, p. 215 e ss.

² Cf. Roger Bastide, op. cit., especialmente seus excelentes *Quatro ensaios sobre Cruz e Souza*, p. 87-128.

³ Escusado é dizer que a biografia do poeta Cruz e Souza justifica plenamente e até impõe essa maneira de interpretar a sua obra, que é uma permanente racionalização poética, feita por mão de gênio, do quotidiano amargo de um negro *evoluido* da antiga elite negra. Provavelmente, por outro lado, muito da amargura que está presente na sua poesia reflete também a sua situação particular e pessoal de *declassé*, pois Cruz e Souza, filho de um escravo e de uma mulher livre, teve primorosa educação e tratamento de menino rico, que lhe foi dado pela família de quem seu pai fora escravo. Com o falecimento de seu protetor e especialmente na fase de sua vida decorrida no Rio de Janeiro, tendo que ganhar sua subsistência como repórter e pequeno funcionário, Cruz e Souza viveu na adversidade e morreu tuberculoso.

⁴ Ironides Rodrigues, Cruz e Souza em outros idiomas. *Quilombo*, ano II, n. 5, jan., 1950, p. 4.

⁵ Essa tristeza digna, essa sobriedade como condição de *status*, leva, muitas vezes, o homem de cor que na geração passada ascendeu intelectual e socialmente, a caracterizar-se, às vezes, principalmente pela omissão em relação a tudo que lembra sua condição étnica e que sugira a condição social em que está a massa esmagadora dos ex-escravos, que estavam muito mais perto deles do que da elite negra de hoje, escravidão da qual muitos deles foram contemporâneos. Essa omissão não significa desinteresse, nem indiferença, nem muito menos indiferença tranqüila. Parece ser, pelo contrário, uma deliberada e interessadíssima omissão voluntária, atitude que se toma como marca externa e ostensiva de *status superior*. Em certo sentido, Machado de Assis mostra, em toda sua biografia e em diversas mostras de sua bibliografia, sinais deste estado de espírito. No *Memorial de Aires*, por exemplo, leiam-se os registros dos dias 7, 13 e 14 de maio de 1888 e o modo como a Abolição entrou no diário de seu personagem — quase à força e, com certeza, a contragosto. A omissão nestes casos, é um depoimento.

⁶ Esse, aliás, *O drama de ser dois* (1937), é o título de um livro de versos, obra de estréia do poeta e sociólogo de cor, Alberto Guerreiro Ramos, que tentaria em época mais recente aplicar entre os negros do Rio de Janeiro as técnicas psicoterápicas de J. Moreno, como meio de alcançar o que Guerreiro chama de “desrecalcamento em massa” e da “purgação” psicológica. Dentro em pouco teremos de voltar com mais vagar ao assunto, mas aqui, sem discutir a eficiência terapêutica do chamado “sociodrama”, queremos destacar como ele reflete, diretamente, a existência desse drama social.

⁷ As expressões *novas elites* e *antigas elites*, embora tenham significado cronológico, esse significado não é exclusivo, nem é mesmo o mais importante, pois a distinção repousa, fundamentalmente, em variantes de estado de espírito, engendradas por mudanças operadas no contexto total das relações de raças. Neste sentido elas exprimem, quando aqui as empregamos, algo semelhante às expressões *novas* e *antigas* classes médias já sociologicamente consagradas.

⁸ Cf. o folheto *Relações de Raças no Brasil* (1950), editado pelo jornal negro *Quilombo*, passim. Lamentavelmente, por falta de recursos para custear a impressão, esta coletânea de discursos não pôde circular largamente, privando os estudiosos e interessados de curiosíssimos depoimentos sobre as feições ideológicas assumidas por certa corrente do movimento social negro no Rio de Janeiro. A maior parte desses depoimentos pode ser encontrada em números diversos de *Quilombo*, que hoje também está com sua circulação interrompida por falta de meios.

⁹ Essa concepção transparece, aliás, mesmo nas próprias opiniões que líderes de umas associações fazem sobre líderes de outras. Embora representem, fundamentalmente, o mesmo fenômeno e a mesma função no quadro das relações de raças, nas situações de conflito e nas lutas de prestígio ganham maior liberdade de expressão e usam de uma franqueza rude ao se manifestarem a respeito dos líderes e movimentos concorrentes, através das quais vêm à tona depoimentos a respeito, chamando a atenção para aspectos que passariam muitas vezes despercebidos ao observador de fora.

¹⁰ Cf. Alberto Guerreiro Ramos, *Contatos raciais no Brasil*. *Quilombo*, ano I, n. 1, dez., 1948, p. 8. Os grifos estão no original.

¹¹ Para conceituação e análise dos grupos de pressão e do seu funcionamento nas tensões raciais, cf. V. O. Key, Jr. *Politics, parties and pressure groups* (1948), passim, especialmente p. 134-139, 634-636, e bem assim a bibliografia selecionada que o autor apresenta.

¹² Foram encenadas as seguintes peças: *Imperador Jones*, de O'Neill, *Todos os filhos de Deus têm asas* e *Moleque sonhador*, do mesmo autor; *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso; *Aruanda*, de Joaquim Ribeiro; *Filhos de Santo*, de J. de Moraes Pinho; *Auto da noiva*, de Rosário Fusco; *Calígula*, de Camus — entre as principais.

¹³ Alberto Guerreiro Ramos, *O negro no Brasil e um exame de consciência*, in: *Relações de raças no Brasil*. Edições Quilombo, 1950, p. 35-36.

¹⁴ *Quilombo*, ano II, n. 6, fev., 1950, p. 11, Exposição das atividades do TEN.

¹⁵ Abdias Nascimento, *Espírito e filosofia do teatro experimental do negro*, discurso de instalação da Conferência Nacional do Negro, mai., 1949, in: op. cit., p. 9-12.

¹⁶ Idem, p. 11. Escusado é dizer que isto não representa apenas uma opinião ou aspiração pessoal do diretor do TEN, mas a aspiração coletiva de todo um setor, de toda uma classe: o setor intelectual da pequena burguesia negra. Este anseio está sempre presente nas linhas ou nas entrelinhas do que escreve, por exemplo, José Pompílio da Hora, na sua coluna “A voz do negro”. Numa crônica, intitulada *Aspecto real da vida*, diz ele, por exemplo: “Utilizando os recursos da cultura e do saber, para sermos negociantes, para termos as nossas casas, os nossos apartamentos em todos os edifícios, para termos o bom meio social que possam substituir os antros de perdição... Não temos um clube social onde possamos passar, juntos com nossas famílias, horas de decentes distrações... Nossa vida cívica advém de nossa prosperidade econômica... Quantas lojas de cidadãos negros temos? Quais os armazéns onde trabalhe o negro sendo ele proprietário? Quantos bares ou casas de móveis de que ele é dono? Precisamos de tudo isto, sempre dentro de uma grande moral e ordem” (Artigo de 28/10/49). Noutra crônica ele fala na necessidade do negro de “vestir-se higienicamente de acordo com sua cor” [...], “preocupando-se com a apresentação social de nossa raça”. E adiante, nessa mesma crônica intitulada *Plebeus e patrícios*, apela para os negros nesses termos: “devemos ter mais brilho, devemos ligar em sermos dignos de nossos irmãos brancos”. E condena, em seguida, os cabelos esticados das moças e rapazes negros, os trajas berrantes, “cheios de estampados ou de cor vermelha [...] que não correspondem à tonalidade de sua cor”. Ainda noutro artigo (9/11/49), Pompílio da Hora volta ao assunto, responsabilizando o que ele chama de “complexo de incapacidade” pelo fato de os negros não terem “carros de luxo”, “casa própria”, “bailes”, “formatura” etc. (sic).

¹⁷ Cf. o artigo de Abdias do Nascimento, *Nós e a sucessão*. *Quilombo*, ano I, n. 3, jun., 1949, p. 1, reproduzido em panfletos de propaganda eleitoral sob o título *Os negros e a eleição de Abdias Nascimento* e, ainda no mesmo periódico, *Candidatos negros e mulatos*, ano II, n. 6, fev., 1950, p. 1.

¹⁸ Durante os preparativos e a propaganda eleitoral toda a publicidade em torno de Abdias preparava sua eleição para vereador municipal; para isso um industrial branco candidato a deputado, principal financiador das atividades do TEN, neste período, montou, juntamente com Abdias, um escritório eleitoral. Ao se divulgarem, porém, nas vésperas das eleições, as listas dos candidatos do partido a deputados e vereadores, Abdias fora incluído entre os candidatos a deputado, que exige quociente eleitoral maior, inteiramente fora de suas perspectivas. Isto significaria que a votação de Abdias beneficiaria a legenda do partido, mas não teria a menor possibilidade real de elegê-lo. Em face disso, Abdias desinteressou-se de sua propaganda já nas vésperas do pleito e nem sequer foi ao Tribunal Eleitoral fazer a regularização final de sua inscrição.

¹⁹ A esperança no voto empolgou realmente os líderes negros da classe média nas eleições de 1950. Vejam-se, por exemplo, essas palavras de Pompílio da Hora na coluna “A voz do negro”, numa crônica intitulada *O voto é a nossa vitória*: “Depois de muito pensar, chegamos a uma conclusão: nada conseguiremos sem os nossos legítimos e fiéis representantes nas várias casas do congresso...”. E adiante, lamentando o fato de os negros votarem em candidatos brancos, diz textualmente: “Na hora das eleições os nossos votos perdem logo a cor negra, para elegerem os magos da nossa nunca alcançada igualdade,

fraternidade e justiça". E conclui: "O voto é a nossa vitória. O voto é o sol da nossa integridade moral e cívica. Com o voto mostraremos, elegendo nossos irmãos, se temos ou não consciência dos sofrimentos espirituais a que somos sujeitos e das humilhações que a cada passo se deparam ante nós". E, dramático, finaliza: "Minha raça, educa teus filhos, embora com sacrifícios, com privações, educa-os para o bem do Brasil" (artigo de 9/10/49).

²⁰ De geração mais antiga e de moral mais conservadora. Assim, além de algumas manifestações verbais de desagrado, recolhidas pelo Autor em entrevistas, o protesto contra esses concursos constitui tema de uma das citadas crônicas de Pompílio da Hora, intitulada *Mora*, onde ele diz enfaticamente: "Repelimos estas iniciativas por considerá-las ofensivas e afrontosas para a família negra brasileira", acrescentando: "Estamos fartos de humilhações oriundas de todos os lados e não recebemos com agrado aquelas vindas e patrocinadas por nós mesmos". Ele se refere explicitamente ao que chama "exibições de nudismo".

²¹ Cf., por exemplo, a crônica intitulada *Da beleza racial*, assinada por J. Barbosa. *Quilombo*, ano II, n. 9, maio, 1950, p. 6, e o artigo *Revelações rogerianas*, do jornalista negro João Conceição, id., n. 6, fev., 1950, p. 9, além das notas e informações de conselhos de beleza em diversos números do jornal *Redenção*. No seu artigo o jornalista João Conceição discute francamente que, noutra tempo, em regra, só eram ventilados por brancos e sempre com intenções depreciativas, como, por exemplo, os relativos ao cabelo encarapinhado e ao cheiro de seu corpo. O cronista, no artigo citado, se declara – embora em processo de superação – portador de complexos ligados à aparência da raça. O alisamento do cabelo, por exemplo, ele pensou por muito tempo que era uma prova de imitação de branco e de autodesestima étnica, mas libertou-se desse complexo pensando que quando uma mulher branca ondula o seu cabelo está imitando a negra, não havendo, portanto, razão para o complexo. Outro complexo semelhante, de que o jornalista se confessa vítima, e que também diz ter superado, era o ligado ao que ele chama de "odor desconcertante" dos negros. O complexo desapareceu, segundo ele diz, quando verificou que muitos brancos tinham também o tal desconcertante odor... Sobre esse segundo complexo, aliás, o cronista promete aos leitores um segundo artigo, dedicado especialmente a ele, que, infelizmente, não encontramos em nossa coleção do jornal. Escusado é dizer que a discussão franca e aberta de tais problemas, em torno dos quais existem em nossa sociedade muitos estereótipos menosprezantes, feita por um escritor negro, num jornal negro, parece indício muito expressivo das reações psicológicas que estão surgindo em face do novo esquema da situação racial.

²² *Quilombo*, ano I, n. 3, jun., 1949, p. 11.

²³ Cf. Apresentação da grupoterapia. *Quilombo*, ano II, n. 5, jan., 1950, p. 6, e Teoria e prática do psicodrama, id., n. 6, fev., 1950, p. 6-7.

²⁴ Uma experiência de grupoterapia. *Quilombo*, ano I, n. 4, jul., 1949, p. 7. Aliás, é sempre supervalorativa a linguagem desses líderes quando falam do movimento, de sua atuação, de suas criações e, principalmente, de seus pró-homens.

²⁵ Cf. Ironides Rodrigues, *A estética da negritude* (1950), tese ao 1º Congresso do Negro Brasileiro. Os vivos debates que neste conclave foram travados na noite em que esta tese foi discutida e aprovada representaram, para o Autor, a sua principal fonte

direta de observação sobre o significado sociológico da negritude. Ironides, no correr dos debates, reconheceu ter sofrido alguma influência do existencialismo de Sartre, através de um artigo, Orfeu Negro, que ele traduziu para *Quilombo*. Cf., também, Alberto Guerreiro Ramos, Apresentação da negritude. *Quilombo*, ano II, n. 10, jun./jul., 1950, p. 11; Gilberto Freire, A propósito da negritude, id.; A. G. Ramos, Um herói da negritude. Suplemento do *Diário de Notícias*, 6 de abril de 1952. Além desse artigo a maior parte do material existente só pode ser apreciado através de observação direta e participante das opiniões, atitudes, dos estados de espírito, das discussões e manifestações verbais dos que esposam a idéia, por meio de entrevistas, observações feitas no Congresso do Negro e conversas informais com líderes negros.

²⁶ Essas variações não muito claras sobre a *negritude*, feitas quase à moda de devaneio, encontram-se num artigo recente em que Guerreiro faz o necrológio de Aguinaldo Camargo, comissário de polícia e ator do TEN – aliás, um dos seus melhores artistas – e que é ali apreciado como um *herói, mártir e príncipe da negritude*. Note-se que Aguinaldo morreu atropelado por um automóvel ao atravessar uma rua do bairro em que morava.

²⁷ Cf., seu artigo Um herói da negritude, loc. cit.

²⁸ Cf. Um herói da negritude, loc. cit. É de notar que essa "cosmovisão" no dizer de Guerreiro é "resultante de uma compenetração peculiaríssima de fatores históricos e biológicos" (grifo do Autor). Observa-se, portanto, como a invocação de fatores biológicos, para explicar uma atitude específica de um grupo étnico diante da vida social, é o cerne e o núcleo do racismo em qualquer variante ou modalidade.

²⁹ Em entrevista com o Autor, o Sr. Joviano Severino de Melo, de quem estamos falando, declarou que *negritude*, para ele, não tem o sentido que lhe emprestam os dirigentes do movimento do TEN. Quer significar *coletividade negra*. É pertinente assinalar que o novo jornal será, por assim dizer, o desdobramento de uma seção permanente que Joviano mantém no jornal *Himalaia*, dirigido pelo jornalista negro José Bernardo da Silva, sob o título de "A voz do negro". A mudança da epígrafe parece, portanto, indicar que, senão o conteúdo, ao menos a sonoridade da palavra *negritude* começa a produzir os seus efeitos de propagação e a captar prosélitos. De resto, ninguém pode negar que, [como] palavra, ela é um grande achado.

³⁰ A Declaração final, aprovada na última sessão do Congresso, entre outras recomendações e afirmações, declara que os problemas do negro brasileiro são uma parte dos problemas do povo brasileiro em geral e que só assim podem ser encarados e resolvidos. Com esta afirmação, apresentada assim em termos muito gerais – a única possível, aliás, num documento daquela ordem – coincidem os resultados de qualquer análise séria e honesta da situação racial no Brasil; de outro lado, parece não haver dúvida de que uma formulação tão geral como aquela é aplicável ao problema de qualquer grupo étnico, historicamente colocado em situação desfavorável em qualquer sociedade nacional existente no mundo. Não resta a menor dúvida, porém, de que, encarada como depoimento de uma situação em processo e indício das tendências ideológicas que dentro dela operam, a Declaração reflete, antes de mais nada, um compromisso entre orientações diversas, quiçá diametralmente opostas, muitas das quais abertamente se

opuseram, durante os trabalhos do Congresso, ao espírito, à letra e, principalmente, às implicações desta afirmação da Declaração final.

³¹ Isto ocorreu com o n. 147, ano III, de 23 de setembro de 1950 do periódico *Himalaia*.

³² Cf. José Bernardo da Silva, Tese apresentada ao 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950), *in fine*. No plenário foi relator da tese o artista do TEN, Aguinaldo Camargo, que emitiu parecer favorável à aprovação das sugestões finais e contrário à publicação do trabalho nos *Anais do Congresso*, que deveriam ter sido publicados. O parecer foi aprovado e a tese, excluída dos programados *Anais*.

³³ Cf. loc. cit., p. 4. (As observações entre parêntese são do Autor.)

³⁴ Seu diretor, José Bernardo, também foi, nas últimas eleições, candidato a deputado no Estado do Rio, mas não logrou ser eleito.

³⁵ Alisto-me na União dos Homens de Cor do Distrito Federal, sociedade de fins sociais e cívicos, da família negra, que continua sendo tratada oficialmente, com injustiça social, sem levar em conta os direitos dos homens, em face do preconceito de cor, herdado da escravidão, embora a Lei Imperial 3.353 de 13 de maio de 1888, assegurasse a igualdade e os direitos a todos os brasileiros, sem distinção de cor, a família negra é colocada à margem da política e da alta administração do País, continua, portanto, a sua escravidão moral e cívica.

Alisto-me nesta União para combater o preconceito de cor, e para cumprir fielmente o mandamento de Jesus Cristo: "Amai-vos uns aos outros" (sic).

³⁶ A esperança da empregada doméstica que faz tais cursos é sempre ascender ao artesanato, adquirir a sua *Singer* e manter ateliê próprio de costura. Na prática é sempre uma pequena minoria que alcança realizar esse objetivo e a maior parte, por esta via, ingressa como assalariada de firmas, magazines, fábricas de roupas, oficinas de costura.

CAPÍTULO III

Tensões raciais numa sociedade em mudança

Importância do problema das tensões sociais – Fatores antecedentes – Modos de se manifestar – “Bodes expiatórios” – O Criptomelanismo brasileiro – Influência do tempo e do mundo – Racionalizações da tensão racial – Orientações e perspectivas.

O estudo das tensões sociais constitui um dos capítulos para os quais mais se tem voltado a atenção da moderna sociologia. Chega a ser algo comparável ao extraordinário interesse que, na física, têm hoje os estudos sobre a energia nuclear.

Não seria difícil provar, aliás, que, em certo sentido, os dois temas representam um só problema visto de dois ângulos diversos: num caso, o interesse da inteligência humana se concentra sobre o que se passa na intimidade das coisas, noutro ele se volta para a análise do modo pelo qual: a) as relações dos homens com as coisas e b) as relações dos homens entre si reciprocamente se influenciam.

Visto a essa luz, facilmente se percebe que o que há de novo no estudo das tensões é sua voga atual na preocupação da sociologia acadêmica, porque, na verdade, o problema, como problema, existe desde que existe sociedade humana na face da terra.

De qualquer sorte, deixando de parte o muito que se poderia dizer sobre a história desse conceito, o que aqui particularmente nos importa é formulá-lo e em seguida utilizá-lo como instrumento de pesquisa sobre as relações de raças no Rio de Janeiro. E para isso, fugindo a explicações que poderiam nos levar para longe do objetivo perseguido, podemos resumidamente indicar que, em essência, as tensões sociais representam: a) uma fase de um processo em desenvolvimento, b) que resulta de um conflito virtual ou potencial existente no fundo da situação social considerada, e c) que vem à tona, de diversos modos e em diversos graus de intensidade, sob a forma de